

Os fins e os meios

Por Mário Soares

Neste Verão de 2007, os acontecimentos políticos internacionais – e até nacionais – sucedem-se num ritmo impressionante e não deixam de nos surpreender. Pelo insólito e pela hipocrisia, apesar da indiferença que nos tolhe, especialmente na época estival.

Na realidade, no Ocidente em que vivemos, afortunadamente, por enquanto, tudo parece parar nas férias. Mas não. O Mundo, para quem segue a actualidade, continua a interpelar-nos e a inquietar-nos.

Há dois meses, os Estados Unidos ameaçavam o Irão de invasão, se não parasse os esforços para conseguir produzir armamento nuclear. O Irão fez ouvidos de mercador. Prosseguiu o seu caminho. Ainda há poucos dias, o Presidente Ahmadinejad, em Argel, pediu apoio ao Presidente Bouteflika para o seu programa nuclear (Vide *El País* de 7 de Agosto).

Ao mesmo tempo, Bush ameaça agora atacar a Al Qaeda em solo paquistanês e acrescenta: “com a permissão explícita do Presidente Musharraf”. Imagina-se com que disposição de espírito Musharraf terá dado tal permissão, ambíguo como é...

E, por estranho que pareça, a administração Bush está agora a negociar, directamente, com o Irão, no Iraque, em busca de um arranjo pacífico para a Região. Quer dizer: o “eixo do Bem” (a América de Bush, claro) negocia tranquilamente com o “eixo do Mal” (o Irão). Aonde? No “inferno”, ou seja, no Iraque... Será que alguém, no Próximo Oriente, seja muçulmano (xiita ou sunita), cristão ou mesmo judeu, consegue compreender – e tomar a sério – a política de Bush?

O mais interessante é que na União Europeia ninguém terá dado por nada, que se saiba. Em Portugal, onde fui tão contestado por ter preconizado estabelecer pontes para contactar os “terroristas” e evitar a guerra, caiu-me em cima o Carmo e a Trindade. Pois bem, agora, ninguém deu por nada...

Outro exemplo. Sarkozy, um Presidente assaz trepidante e imprevisível, empossado há escassos meses, entrou em férias milionárias, pela segunda vez, agora na América, em New Hampshire. Foi - queixou-se ele - muito importunado pelos jornalistas. Perdeu mesmo o sangue frio. Indignou-se com a invasão da sua privacidade. Como se não soubesse, por dever de ofício, que hoje, com as novas tecnologias de controlo e espionagem das pessoas, nenhum cidadão, por mais humilde, pode estar seguro da sua privacidade. Quanto mais um chefe de Estado, ainda por cima em país estrangeiro.

Se tivesse visto a exposição patente no Museu Whitney em Nova Iorque saberia como a privacidade das pessoas é cada vez mais coisa do passado. Para os que nos espiam, noite e dia, todos somos uma eventual ameaça. Mesmo nos países que foram modelos de democracia, onde ainda tanto se invoca – em vão - os Direitos Humanos...

Sarkozy tinha estado antes na Líbia, a “confraternizar” com Khadafi. Conseguiu que a sua enigmática e bela Esposa, Cecília, fizesse um brilharete, obtendo de Khadafi a libertação das cinco enfermeiras e um médico búlgaros. Em troca, com o auxílio do filho de Khadafi – e uma mãozinha misteriosa do Qatar - fez um acordo de cooperação militar, França-Líbia e vendeu um arsenal de armas sofisticadas, incluindo tecnologia nuclear. Um acto de irresponsabilidade política, embora útil para o erário francês... Tudo se veio a saber por uma entrevista que Saif Al Islam, filho de Khadafi, deu à Newsweek, na ignorância aparente da União Europeia.

Dois exemplos que irão ter sequelas e nos fazem regressar à velha querela: “ Se os fins justificam os meios?” Julgávamos que não, depois do fim dos totalitarismos. Mas quando se perdem os princípios e os valores, novos aprendizes de feiticeiros aparecem, na cena internacional, obcecados pelo marketing e pela real politik. Se todos os meios são aceitáveis em política, em função dos fins, para onde caminhamos nós...?

Vau, 8 de Agosto de 2007